

“O rap é a voz da periferia”: histórias e narrativas do movimento hip hop em Mato Grosso do Sul

“Rap is the voice of the periphery”: stories and narratives of the hip hop movement in Mato Grosso do Sul

"El rap es la voz de la periferia": historias y narrativas del movimiento hip hop en Mato Grosso do Sul

DOI: 10.54901/educa.v9-455

Renato Jales Silva Junior¹
Mateus Firmino Leite²

RESUMO: O seguinte artigo visa discutir aspectos historiográficos da cultura Hip Hop em Mato Grosso do Sul partindo de narrativas jornalísticas publicadas nos sites Rap Dab (rapdab.com.br) e Campo Grande News (campograndenews.com.br). Como metodologia adotamos pesquisa bibliográfica e documental em mídias digitais. São apresentadas algumas considerações sobre o lugar de produção e os dilemas disciplinares trazidos pelo uso de fontes digitais. Partindo da história social em que as experiências dos sujeitos produzem a história num duplo sentido: experiência e narração. Desse modo nos propomos a refletir os desafios éticos e políticos levantados pela investigação de um movimento cultural protagonizado por juventudes subalternizadas (indígenas, negros, periféricos, etc.,) que colocam suas demandas e reivindicações nas suas expressões artísticas.

Palavra chave: movimento Hip Hop; história digital; história do tempo presente.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Campo Grande, que é a capital política e administrativa do estado de Mato Grosso do Sul, é muito mais do que centro do agronegócio brasileiro - embora este discurso tenha relação estreita com a nossa identidade regional. Apesar de o discurso público representar Mato Grosso do Sul como sinônimo de monocultura agrícola e cultural, nós sul-mato-grossenses temos elaborado estratégias políticas em que nossas práticas culturais se opõem às pretensões de homogeneização identitária. Este texto pretende mergulhar nestas questões dialogando com uma historiografia que tem estabelecido esta relação de mútua legitimação entre saber acadêmico e poder político administrativo (Albuquerque Jr., 2008).

¹ Doutor em História Social Pela Universidade Federal de Uberlândia, Professor Associado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: renato.junior@ufms.br

² Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: matheus546leite@gmail.com

Inicialmente tecemos algumas reflexões sobre a pluralidade de fontes e abordagens possíveis para pesquisa histórica da formação e trajetória do movimento hip hop em Mato Grosso do Sul. A seguir são analisadas reportagens que entrevistaram diferentes grupos de rap sul-mato-grossenses com o objetivo de narrar suas trajetórias. A partir das narrativas fotográficas e textuais pretendemos compreender de quais formas “a história do movimento hip hop” tem sido escrita/narrada pelos diferentes sujeitos sociais que nela se engajaram. Por fim, serão feitas algumas considerações sobre os desafios que a era digital proporciona aos historiadores.

No Brasil, a tentativa de construção de uma identidade nacional perpassou diferentes momentos históricos. Allyson Garcia (2014) comenta em sua pesquisa sobre a cultura hip hop no Brasil e em Cuba que a intelectualidade burguesa da academia elegeu como cânone da memória nacional o modernismo da década de 1920 e o tropicalismo da década de 1960. O rap brasileiro surgiu dentro de um contexto de intensa mobilização política e cultural negra (Silva e Cavalcante, 2020). Neste sentido, não pretendemos aqui “inventar tradições” que garantam ao Hip Hop um lugar prestigioso a custo da sua dialogicidade histórica. Ao contrário, queremos investigar como as culturas musicais negras circularam até chegarem ao Mato Grosso do Sul e como continuam circulando de forma local e trans-regional.

Por isso que apesar de apresentarmos uma “origem comum” não nos limitamos a interpretar a cultura Hip Hop como manifestações fechadas (ou limitadas) espacial e cronologicamente. As produções culturais analisadas são compreendidas pela sua capacidade de comunicação transcultural e transnacional. Mesmo que situando o Hip Hop como manifestação da diáspora negra, não apagamos a inegável alteridade que vem desde dentro o constitui (Garcia, 2014, p. 35).

2 O HIP HOP DO BRONX ATÉ CAMPO GRANDE (MS)

O dia 11 de agosto de 1973 tem sido definido como o marco do nascimento da cultura Hip Hop. O DJ Kool Herc e sua irmã Cindy Campbell organizaram uma festa no Bronx, em Nova Iorque.

O DJ percebeu que o público se divertia quando tocava a parte rítmica das canções de James Brown na ausência da letra (os breaks). Dessa forma Herc tirou a agulha dos toca-discos, produzindo os primeiros scratches e possíveis remixes de músicas, ao vivo, durante a sua performance. Na mesma noite, o amigo do DJ jamaicano Kool Herc chamado “Coke La Rock”, pegou o microfone e começou a rimar por cima das batidas de Herc em busca de animar o

público ,e foi nesta noite que nasceu o RAP. Coke é considerado por muitos o primeiro mestre de cerimônia na história do Hip Hop. (Araújo, 2023)

O Hip Hop é um movimento cultural e político de enfrentamento às violências instauradas pelo racismo. O grupo Zulu Nation tem sido mencionado como a mais importante e pioneira organização do Hip Hop mundial. Fundada em 12 de novembro de 1973³ organizava reuniões com jovens negros para apresentar o Hip Hop como uma alternativa para as gangues e drogas.

Com a motivação proporcionada pelo Hip Hop, as demandas e carências sociais das comunidades pobres e negras nova-iorquinas do início da década de 1970 encontraram nesse movimento cultural eminentemente negro uma forma de sair do anonimato social e da invisibilidade na qual o gueto as mantinha. Por essa razão, os anseios dessa população pareciam convergir para um mesmo pensamento: buscar uma sonoridade nova dentro do Hip Hop por meio da qual pudessem criar sua própria identidade musical, expondo suas dificuldades e sua marginalidade. Deu-se início, por conseguinte, pelas mãos de jovens periféricos de NYC, a um processo de mixagem de músicas e de criação de arranjos próprios sobre versões originais, principalmente sobre os clássicos de James Brown, ficando por conta do MC a responsabilidade pela integração entre a mixagem e a letra (Righi, 2011, p. 45).

Em sua dissertação sobre o desenvolvimento territorial das batalhas de rimas no município de Campo Grande, Monizzi Oliveira (2020) realizou entrevistas semi-estruturadas⁴ com integrantes da cultura hip hop, além da observação sistemática direta e indireta. Segundo ela, as batalhas de rimas ocorrem desde o surgimento do movimento cultural Hip Hop com ligação mais estreita com o próprio gênero musical do Rap (Oliveira, 2020, p. 55). No Brasil têm se privilegiado narrativas de origens que priorizam as experiências urbanas de grandes centros urbanos da região sudeste que gradativamente “disseminaram” esses movimentos para outras regiões brasileiras. A autora afirma que as batalhas de rimas começaram a ocorrer em Mato Grosso do Sul em 2011 (Oliveira, 2020, p. 11) na cidade de Campo Grande.

Ao longo da contextualização do movimento Hip Hop ela estabelece uma relação direta entre as experiências cotidianas de marginalização e violência que são ressignificadas e expressas em muitas das manifestações artísticas dos sujeitos envolvidos neste movimento. Fica assim demonstrado que quando interrogados a partir de outros lugares, os sujeitos da cultura

³ Dia Mundial do Hip Hop, como surgiu o movimento na década de 1970? Rap Dab, 12 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2022/11/12/dia-mundial-do-hip-hop-como-surgiu-o-movimento-na-decada-de-1970/>. Acesso: 21 set. 2023.

⁴ Entrevistas semi-estruturadas são caracterizadas pela utilização de roteiros previamente elaborados com questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema da pesquisa.

Hip Hop esclarecem questões inéditas sobre a estética, pertencimento e produção social dos lugares. Questões como gênero e identidade racial vão influenciar a narrativa sobre a história do movimento Hip Hop desde a sua origem e isto fica evidente também quando a autora reflete sobre como a cultura de rua também se tornou um espaço em que mulheres periféricas buscam autorrepresentação (Oliveira, 2020, p. 49).

Na década de 1980, o Hip Hop chega ao Brasil. As abordagens convencionais têm caracterizado sua recepção como exclusiva dos centros urbanos do eixo sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro). Contudo dentro da pesquisa de Monizzi já são indicados dois sujeitos que praticavam o break dance em 1982-1983: os b-boys Spider (Wilson Rodolfo Ferreira) e Snake (Edenilson Gimenez) conheceram o break por meio de videoclipes e reportagens transmitidos pela televisão. Chama atenção que a partir das entrevistas com seus interlocutores a autora chega a afirmar que até 1984 os adeptos da cultura Hip Hop no estado não se concebiam como parte de um movimento cultural global (Oliveira, 2020, p. 25).

A pesquisa de Monizzi Oliveira se destaca por ser a primeira que oferece um levantamento amplo de fontes que descrevem a formação do movimento Hip Hop em Mato Grosso do Sul (reportagens jornalísticas, fontes orais, observação participante, entre outras). Ao fim, percebe-se que o movimento Hip Hop sul-mato-grossense é formado por uma plêiade de grupos e sujeitos que apresentam suas trajetórias de forma conectada com a própria origem do movimento no estado.

As batalhas de rimas como um todo, são exemplos relevantes de como as juventudes negras e periféricas ocupam e disputam os espaços públicos das cidades em que vivem. Através do Rap, que é um dos pilares consolidado dentro do movimento Hip Hop, jovens de diferentes lugares da cidade e com trajetórias particulares têm a oportunidade de criarem novas identidades culturais e espaços de sociabilidade que confrontam as representações hegemônicas (CAMPOS, 2019).

A cultura Hip Hop de Campo Grande ainda possui poucas pesquisas historiográficas disponíveis para consulta pública, o que de fato dificulta a compreensão das suas contribuições para a sociedade como um todo. Por isso é de extremo interesse dos historiadores compreender como se dão as relações entre o poder público e os sujeitos que vivenciam a cultura Hip Hop no município, as multiplicidades de identidade culturais que delas se desdobram. Também espera-se contribuir para que produtores culturais do movimento hip hop tenham reconhecidas suas demandas dentro das instituições de pesquisa, inovação social e formulação de políticas públicas.

3 A PLURALIDADE DE FONTES: QUESTÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa com Hip Hop proporciona abertura a universos documentais alternativos - o que resulta na construção de corpus documentais heterogêneos. É tarefa dos historiadores compreender que até mesmo as fontes da sua pesquisa são produzidas dentro de um lugar histórico que precisa ser compreendido a partir da crítica historiográfica (Barros, 2020, p.41).

O historiador contemporâneo está ciente de que deve estar atento às artimanhas do poder. Sabe que faz parte do poder ocultar, dissimular e apagar a diferença e a contradição. Imobilizar o movimento, interromper os diálogos. Decidir o que e como sujeitos e acontecimentos devem ser lembrados ou esquecidos (Araújo Vieira; Cunha Peixoto; Khoury, 1989, p. 27). Devemos compreender que os agentes sociais, quando vivem suas experiências, estabelecem relações complexas.

A história que leva em conta essa multiplicidade de experiências se enriquece qualitativamente. A dialogicidade permite ao historiador analisar tanto a experiência humana quanto a narração. Evidentemente, sabe-se que as reflexões serão determinadas pela localização social do historiador na prática social.

Qual o panorama atual de fontes disponíveis para investigar a história do Hip Hop no MS? Primeiramente, tomemos a pesquisa de Monizzi Oliveira como fio condutor e somos apresentados a pelo menos três opções: fontes orais, arquivos pessoais e fontes jornalísticas. Nesta seção faremos algumas reflexões sobre os impasses da pesquisa histórica no ciberespaço.

Periódicos jornalísticos interessam aos historiadores pela sua capacidade de registrarem diversas vozes sociais no seu interior. José D'Assunção Barros (2012) caracteriza fontes dialógicas como capazes de expor o historiador a uma intensa rede de relações inter-individuais. Trata-se de documentos de dialogismo explícito já que o repórter na maioria das vezes cumpre o papel de representar no texto todo o complexo de vozes sociais (uma prática social, uma profissão, grupos culturais, instituições, além de falas pessoais dos entrevistados e do próprio jornalista).

Priorizamos em nossa pesquisa reportagens publicadas no jornal digital Campo Grande News (<https://www.campograndenews.com.br/>) sobre o Hip Hop. Foram selecionadas nove publicações realizadas entre os anos de 2011 e 2022. Três delas falam especificamente sobre o grupo formado por MCs da etnia Guarani-Kaiowá, Brô MCs. Uma sobre o grupo Prontuário Zona Norte, outra sobre o grupo LocoLeste. Sendo as restantes sobre a cena cultural da cidade.

Constatamos que a separação entre a imprensa e outras formas de comunicação midiática deve ser relativizada. Percebe-se que a condição de produção destas fontes é diferente

do que antes os historiadores tinham disponível. Começando pelo multicontexto complexo de produção de documentos ou artefatos culturais que podem ser tomados como fontes, percebemos que a internet tornou possível uma nova revolução documental em que narrativas produzidas em contextos locais circulam de forma global.

A internet e as fontes digitais aparecem para os historiadores como uma novidade controversa (Araújo, 2014). A cibercultura ao disponibilizar uma série de ferramentas práticas, baratas e rápidas certamente afetaram a escrita, leitura, comunicação e pesquisa, por exemplo: enviar e-mails, pesquisar em acervos virtuais, comprar ou baixar livros on-line, pesquisar em repositórios eletrônicos de universidades. Contudo é importante esclarecer que o acesso à internet para qualquer fim está sujeito às desigualdades socioeconômicas.

A internet, e as inúmeras redes sociais que conhecemos, ampliaram a forma como nos relacionamos com a esfera pública. Além de claro contribuir significativamente para a ampliação de massa documental pública disponível para consulta e pesquisa. E isso com certeza é um problema de interesse dos historiadores. Como exemplo lembremos que o próprio movimento Hip Hop tem sua história praticamente inseparável das transformações e desenvolvimentos da cultura midiática global. O processo de midiaticização e globalização com toda certeza complexificaram as possibilidades comunicacionais.

Anita Lucchesi (2014) reconhece que a produção histórica atualmente é atravessada pela tecnologia. E como tal toma a tecnologia como *interface* de aproximação entre história oral, história do tempo presente, história pública e história digital. Justamente porque muitos de nós não realizamos nossos trabalhos sem a mediação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Para a autora, a esfera pública da internet criou mais lugares para a produção de autoridades compartilhadas, embora ainda existam poucos espaços institucionalizados para isso. Esse processo de assimilação, crítica e apropriação demanda tempo justamente porque trazem questões que falam diretamente da *operação* do historiador (Lucchesi, 2014, p. 51). A condição de produção e compartilhamento do conhecimento histórico na/por meio da internet pode ser diferente de tal forma que torna-se necessário refletir sobre as especificidades de registro e preservação da memória (fluidez, edição, reprodutibilidade, impermanência, etc;).

A pluralidade de redes sociais e o papel que elas desenvolvem no que diz respeito à circulação de ideias é por si só um fenômeno político e cultural relevante em termos de mídia e sociedade (Oliveira, 2014). Contudo não podemos olhar ingenuamente para a internet como um lugar mais revolucionário do que as outras mídias (rádio, cinema, televisão, revistas,

iconografias, fotografias, etc;) já que cada um a seu tempo provocou as transformações e aprendizados necessários.

4 IMAGENS, LINGUAGENS E IDENTIFICAÇÕES

Foto 1: printscreen manchete “Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa” no editorial Comportamento. O que seria uma “boa rebeldia”?



Boa rebeldia

Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa

© Abr 22, 2013 - 06:18

"O grupo não tem um número certo de integrantes, a cada dia vamos ganhando agregados", diz Alexandre, que faz parte do "Prontuário Zona Norte".



Fonte: Autores

Os leitores que na manhã de 22 de abril de 2013 se conectaram ao jornal Campo Grande News tiveram um fato, no mínimo, peculiar para acompanhar o café da manhã. A manchete não podia ser mais provocativa: “Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa”. Ao que tudo indica o grupo Prontuário Zona Norte organizou boicotes ao transporte público como forma de protesto contra o alto custo das passagens de ônibus da capital, que naquele momento era de R\$2,75 segundo informações do site oficial da empresa Consórcio Guaicurus. O jornal reconhece o boicote como um exemplo de “boa rebeldia” num tom muito elogioso. A reportagem praticamente enaltece a iniciativa do grupo de artistas e os apresenta aos leitores como trabalhadores conscientes das mazelas sociais - a denúncia das guerras às drogas e dos perigos da criminalidade são “provas” de que o grupo não está ligado à marginalidade.

Na fotografia abaixo destaca-se um público majoritariamente masculino. O salão foi alugado com parte do dinheiro do empréstimo realizado por um dos integrantes do grupo. Na reportagem não é feita uma distinção entre os MCs membros do grupo Prontuário Zona Norte e o grupo de entusiastas da cultura Hip Hop que movimentam a cidade.

Já neste momento histórico evidencia-se que o Hip Hop era tido como uma forma de disputar o acesso a cidade, já que estes jovens periféricos escolhiam como ponto de encontro para socialização lugares centrais de Campo Grande. E o boicote ao transporte público, constitui uma dupla subversão à ordem pública. Afinal, se a cidade e o transporte público são negados, o fluxo de ocupação do espaço urbano pode ser originalmente contestado.

Fotografia 2: Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa. Campo Grande News, Campo Grande, 22 de abr. de 2013.



Fonte: Autores

O grupo LocoLeste (fotografia abaixo) exemplifica como a cultura hip hop é uma cultura rica nas formas de se expressar. Posicionados de forma a encarar a câmera imponentes, eles posam confiantes. Estão vestidos com roupas características do movimento. Exibem orgulhosamente suas tatuagens. Em frente a uma parede grafitada, a mensagem é clara: o hip hop é uma cultura rica e que se impõe para conquistar o respeito que merece.

Fotografia 3: "A música salva", garante grupo com ficha policial, mas vontade de viver do rap. Campo Grande News, Campo Grande, 16 de mai. de 2015.



Fonte: Autores

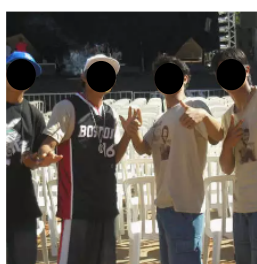
Não deixa de chamar atenção que o Rap cumpriu no caso desse grupo um importante meio de valorização positiva desses sujeitos. Tomado como “um estilo de vida” que apresentou aos membros do grupo uma outra perspectiva de vida fora do crime. De forma muito consciente, na reportagem são reveladas as expectativas dos MCs em ter sua contribuição à cultura local respeitada, isto é: que a repressão policial não seja a única forma de se relacionarem com o poder público e com a sociedade campo-grandense.

Prontuário Zona Norte e LocoLeste são grupos de rap cronologicamente próximos (2013 e 2015) com experiências convergentes: ambos são formados por jovens na faixa dos vinte anos de idade que reconhecem no rap uma possibilidade de serem reconhecidos como cidadãos; realizam intercâmbios com grupos da cidade e de outros estados; além de terem uma auto-representação de si positiva já que se posicionam como dignos de respeito e valorização da sociedade como um todo.

Como dito acima, os sul-mato-grossenses têm reconhecido sua diversidade cultural de forma muito mais otimista do que os discursos hegemônicos. O rap, por ser reconhecido como um contra-discurso, acabou por disponibilizar a ferramenta crítica aos jovens do Estado.

5 MÚSICA DE NEGROS, RAP INDÍGENA: IDENTIDADES POLÍTICAS E ALGO A MAIS...

Fotografia 4: printscreen manchete “Hip Hop indígena de Brô MC’s é atração na posse de Dilma amanhã”. A reportagem não está mais disponível no domínio campograndenews.com.br



Entretenimento

Hip Hop indígena de Brô MC's é atração na posse de Dilma amanhã

Dez 31, 2010 - 11:59

Com letras em Guarani embaladas pela batida do Hip Hop, o grupo **Brô MC's**, formado por indígenas da reserva Jaguapiru, em Dourados, é uma das atrações culturais da festa de posse de presidente Dilma Rousseff neste sábado (1º), na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O grupo se apresentará das 12h às 13 horas (horário de Brasília) no palco Sudeste, um dos quatro montados na Esplanada e que homenageiam as regiões do país.

🗨️ 📱 📧

Fonte: Autores

Nos idos de 2009 a Central Única das Favelas (CUFA) de Dourados ministrou uma oficina na aldeia indígena Jaguapiru. Desta oficina quatro jovens com idades entre 18 e 20 anos criaram o grupo de rap Brô MC's. O diferencial? Suas rimas misturam o português e o guarani (língua materna preservada e ensinada dentro das escolas da comunidade). Essa estratégia é

claramente articulada como uma forma de se afirmarem como indígenas mesmo quando o racismo anti-indígena insiste em apagar ou diluir suas origens. São músicas de protesto que tratam da falta de oportunidades e da desumanização.

De forma explícita as reportagens vão sempre chamar atenção para o fato “curioso” do encontro da cultura indígena com a cultura negra do hip hop - ou seja, testemunham visões essencialistas que não indígenas perpetuam nas relações de construção do Outro. Diante de tal curiosidade até um antropólogo é convocado a dar explicações.

Em 2011 Kelvin, Bruno, Clemerson e Charlie cantaram na posse da então Presidenta Dilma Rousseff - eleita para seu primeiro mandato. A jornalista Viviane Oliveira registra em seu texto outro uma declaração comum de encontrar em outras reportagens sobre o tema: o hip hop é uma ferramenta de empoderamento de jovens marginalizados e discriminados na sociedade brasileira. Se aldeia e favela são a mesma coisa, não é de se estranhar que quatro jovens Guarani Kaiowá tenham enxergado no rap uma forma de denunciar as tragédias enfrentadas por suas comunidades no Estado. O grupo também se mostrou engajado com os problemas enfrentados pela comunidade em que vivem durante a pandemia de Covid-19. De fato, na reportagem lida o enfrentamento à vulnerabilidade social vivida foi diretamente conectada com a negligência do poder público em garantir acesso à saúde nos territórios indígenas.

Fotografia 5: printscreen manchete “Grupo indígena, Brô MCs, faz live para ajudar comunidade onde vivem”.



Fonte: Autores

As reportagens analisadas revelam os preconceitos da sociedade sul-mato-grossense em relação aos indígenas. Não só as narrativas dos MCs denunciam tais práticas discriminatórias, como de forma quase que protocolar eles tiveram que se reafirmar indígenas diante da visão estereotipada de que ao cantarem rap não fazem mais parte da cultura Guarani Kaiowá. Percebe-se que no imaginário comum da sociedade a cultura ainda é compreendida como um monólito estático que não se comunica ou se mistura.

Também revelam que é no espaço público em que são estabelecidas as formas como estes jovens disputam a cidade e os próprios sentidos das representações atribuídas a eles, a cultura Hip Hop e a cidadania como um todo. Como jovens periféricos, os MCs ou entusiastas da cultura de rua buscam informar, cada um a seu modo, a forma como o hip hop está conectado com o seu contexto social. Dilemas e desafios que têm uma ligação direta com o acesso a direitos sociais, a canais de informação e comunicação, bem como a dispositivos móveis e acesso à internet.

A diversidade de estilos da garotada do Hip Hop chamou a atenção do campo-grandense: “Todo sábado, por exemplo, na Praça do Rádio Clube, a partir das 20 horas, a garotada se encontra para fazer uma batalha de rappers. O ganhador leva para casa alguns prêmios simbólicos, como camisetas e bonés.”⁵; “Boné de aba reta é acessório quase indispensável para os meninos. Camiseta larga, calça justa e tênis é a vestimenta da maioria das meninas, que não se importam em não mostrar as curvas do corpo para chamar a atenção.”⁶ A vestimenta assume um importante papel ao expor expectativas e pedagogias de gênero da juventude que entram em conflito com as noções do restante do conjunto da sociedade.

O rap em Campo Grande é uma das expressões culturais negras que mais tem chamado atenção da mídia. Nas batalhas de rima as competições são sobre afetar a platéia através da argumentação. Nas redes sociais o que salta aos olhos é que a negritude tem disputado de forma ativa as formas de ser, pertencer e fazer a cidade. Outra coisa que se percebeu foi que o Movimento Hip Hop circula e se comunica praticamente ignorando as fronteiras regionais estabelecidas. Uma característica comum e reconhecida desde o surgimento dessa forma de expressão multi artística que mistura linguagens como grafite, rap, break dance e beatbox. No rap são mobilizados discursos sobre a realidade que pretendem gerar identificação e valorização da negritude. Contudo, dadas as transformações políticas e econômicas do período recente, não seria ingênuo especular que para além da negritude outros grupos sociais têm sido atraídos pelo conteúdo e pela forma da cultura hip hop.

Não deixa de ser curioso que os estudos do Tempo Presente tenham se concentrado em torno de temas como a ditadura cívico empresarial militar de (1964) e da redemocratização brasileira (1978-1988). Temas estes diretamente conectados com a história do movimento Hip

⁵ Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa. <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/na-batida-do-rap-grupo-boicota-transporte-publico-e-faz-emprestimo-para-festa>.

⁶ Garotada do rap mostra público forte da cultura hip hop em Campo Grande. <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/garotada-do-rap-mostra-publico-forte-da-cultura-hip-hop-em-campo-grande>.

Hop brasileiro. Lima e Cavalcante (2020), por exemplo, vão afirmar que a negritude tem disputado e tensionado o projeto de sociedade desde a redemocratização da sociedade nas esferas institucionais e culturais.

O Hip Hop, enquanto movimento negro protagonizados por juventudes, tem se proposto a elaborar soluções para os problemas enfrentados pela juventude negra (violência policial, empregabilidade, renda, cultura, lazer, educação, etc.). Como tal está integrado às conjunturas políticas, econômicas e culturais que determinam a arena de circulação de práticas e discursos e projetos de sociedade.

A cena local do movimento hip hop em Campo Grande é intensa e ao mesmo tempo que disputa a cidade é disputada pelos sujeitos que a constituem. Percebemos nas reportagens analisadas que nos últimos onze anos o discurso coletivo sobre o rap mudou significativamente, embora ainda não tenhamos evidências dos motivos que levaram a esta transformação.

Se a cidade teima em excluir jovens da periferia, estes jovens vão teimar em organizar eventos e atividades culturais no centro da cidade. Se o ônibus estiver caro, vai ter boicote. Apesar da repressão policial, eles continuaram buscando uma vida melhor ou que pelo menos sejam reconhecidos como cidadãos que devem ter seus direitos assegurados. Se o poder público negligência, o rap empodera.

Do ponto de vista da historiografia, o Hip Hop tensiona de forma original as reflexões proporcionadas dentro dos campos da História Pública e do Tempo Presente considerando que as fronteiras narrativas a que estávamos habituados foram rompidas radicalmente no último período. A “a história do Hip Hop sul-mato-grossense” constitui-se enquanto um campo de estudos com inúmeras possibilidades para historiadores justamente porque dentro do movimento hip hop jovens de diferentes lugares da cidade e com trajetórias de vida particulares têm a oportunidade de criarem novas identidades culturais e espaços de sociabilidade que confrontam as representações hegemônicas.

6 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Nos últimos anos o ofício do historiador tem sofrido cada vez mais interferências das tecnologias digitais de informação e comunicação. A Internet, conforme ganhou espaço cada vez maior dentro das relações e práticas sociais, acabou por modificar radicalmente a forma como historiadores chegariam ao mundo da pesquisa. Da leitura, da escrita, do acesso a fontes documentais (escritas, sonoras, imagéticas, iconográficas, paleográficas, arqueológicas, orais, etc.), não existe um único aspecto da operação historiográfica que não tenha sido afetado e

transformado. Eleger um periódico digital como principal matéria prima para reflexão embora permita acessar as múltiplas vozes que se manifestam nas reportagens e nas declarações dos MCs entrevistados não nos exime de termos nossas conclusões contaminadas pelas ideologias que circulam na esfera pública, já que tanto o jornalista quanto o próprio historiador estão saturados de ideologias políticas.

Do ponto de vista da metodologia, consideramos de extrema importância levar em consideração os apontamentos do historiador José D.'Assunção Barros (2020) sobre a devida atenção ao lugar social de produção da fonte histórica. E de acordo com Nucia Oliveira (2014) reconhece-se que a internet produz interessantes possibilidades de pesquisa no campo de estudos da História do Tempo Presente. Como movimento cultural complexo e radicalmente democrático o Hip Hop oferece aos historiadores um campo fértil para pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região.** Fronteiras, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ARAÚJO, Aline. "A música salva", garante grupo com ficha policial, mas vontade de viver do rap. **Campo Grande News**, Campo Grande, 16 de mai. de 2015. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/-a-musica-salva-garante-grupo-com-ficha-policial-mas-vontade-de-viver-do-rap>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ARAÚJO, George Zeidan. **Ler, pesquisar e escrever história em tempos de internet: desafios e possibilidades.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 151 - 164, 2014. DOI: 10.5965/2175180306122014151. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014151>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ARAÚJO, Mateus. 11 de agosto de 1973: há 50 anos nascia a cultura Hip Hop no Bronx. Rap Dab, 11 de ago. de 2023. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2023/08/11/11-de-agosto-1973-nascimento-do-hip-hop/>. Acesso em: 21 set. 2023.

ARAÚJO, Mateus. Dia Mundial do Hip Hop, como surgiu o movimento na década de 1970? Rap Dab, 12 de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.rapdab.com.br/2022/11/12/dia-mundial-do-hip-hop-como-surgiu-o-movimento-na-decada-de-1970/>. Acesso: 21 set. 2023.

ARAÚJO VIEIRA, Maria do Pilar de; Cunha Peixoto, Maria do Rosário de; Khoury, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história.** Ática, 1989.

BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção.** Editora Vozes, 2020.

CAMPOS, Felipe Oliveira. **Cultura, Espaço e Política: um estudo da Batalha da Matrix de São Bernardo do Campo.** 2019. 251 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola de

Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão Corrigida.

Garcia, Allysson Fernandes. **O rap entre mestiçagens e negritudes: música e identidade no Brasil e em Cuba (1988-2005)**. 2014.

KEMPFER, Ângela. Rap do Brô MC's, criado nas aldeias de Dourados, chega ao TV Xuxa. **Campo Grande News**, Campo Grande, 13 de abr. de 2012. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/rap-do-bro-mc-s-criado-em-aldeias-de-dourados-chega-ao-tv-xuxa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

LUCCHESI, Anita. **Conversas na ante-sala da Academia: o presente, a oralidade e a História Pública Digital**. História Oral, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 39–69, 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/341>. Acesso em: 06 de jun. 2023.

MALAGOLINI, Anny. Garotada do rap mostra público forte da cultura hip hop em Campo Grande. **Campo Grande News**, Campo Grande, 26 de abr. de 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/garotada-do-rap-mostra-publico-forte-da-cultura-hip-hop-em-campo-grande>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MALAGOLINI, Anny. Na batida do rap, grupo boicota transporte público e faz empréstimo para festa. **Campo Grande News**, Campo Grande, 22 de abr. de 2013. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/na-batida-do-rap-grupo-boicota-transporte-publico-e-faz-emprestimo-para-festa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MAMÉDIO, Lucas. Cenário de MS é retratado em documentário sobre hip hop. **Campo Grande News**, Campo Grande, 01 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/cenario-de-ms-e-retratado-em-documentario-sobre-hip-hop>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MAMÉDIO, Lucas. Grupo indígena, Brô MCs, faz live para ajudar comunidade onde vivem. **Campo Grande News**, Campo Grande, 09 de jun. de 2020. disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/grupo-indigena-bro-mcs-faz-live-para-ajudar-comunidade-onde-vivem>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MONTEIRO, J. F. S. **Tempo presente: entre os métiers do historiador e do jornalista**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 510-539, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310242018510>. Acesso em: 16 ago. 2023.

OLIVEIRA, Monizzi Mábile Garcia de. **As batalhas de rima no município de Campo Grande - MS: perspectivas para o Desenvolvimento Local**. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2020.

OLIVEIRA, N. A. S. de. **História e Internet: conexões possíveis**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23 - 53, 2014. DOI: 10.5965/2175180306122014023 Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>. Acesso em: 18 ago. 2023.

OLIVEIRA, Viviane. Aldeia e favela são a mesma coisa, diz rappers guarani kaiowá. **Campo Grande News**, Campo Grande, 24 de ago. de 2011. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes/aldeia-e-favela-sao-a-mesma-coisa-dizem-rappers-guarani-kaiowa>. Acesso em: 14 ago. 2023.

RIGHI, VOLNEI JOSÉ. **RAP: ritmo e poesia: construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro**. 2011. 515 f. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília/Université Européenne de Bretagne, Brasília/Rennes, 2011.

SILVA, F. L.; CAVALCANTE, J. N. S. **Do Rap ao Brega Funk: política cultural negra e as disputas pelas cidades na democracia brasileira**. In: 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020, São Paulo. GT01 - Arte, Cultura e Ciências Sociais: diferenças, agenciamentos e políticas, 2020.

SERVIAM, Suzana. Em batalha de MC's o que importa é a parceria e admiração um pelo outro. **Campo Grande News**, Campo Grande, 07 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/em-batalha-de-mcs-o-que-importa-e-a-parceria-e-admiracao-um-pelo-outro>. Acesso em: 14 ago. 2023.

TORRES, Thailla. Pare para contar e descubra que Campo Grande não é a terra do sertanejo. **Campo Grande News**, Campo Grande, 05 de abr. de 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/pare-para-contar-e-descubra-que-campo-grande-nao-e-a-terra-do-sertanejo>. Acesso em: 14 ago. 2023.